

ICONOGRAFIA DA JUDIA POLACA NA AMAZÔNIA

Angélica da Silva Pinheiro¹

Alessandra Fabrícia Conde da Silva²

Resumo: Este ensaio volta-se ao estudo do perfil da judia polaca em alguns textos escolhidos presentes na literatura da Amazônia. Na literatura brasileira produzida por escritores judeus, o tema é recorrente, assim como na pintura de Lasar Segall. Naquela, o epíteto “polaca” ultrapassa a compreensão pátria, aditando o sentido sexual. É isso que se vê em *O ciclo das águas* (1997), de Moacyr Scliar, *Jovens Polacas* (1993), de Esther Largman, *Cabelos de fogo* (2010), de Marcos Serruya, *A filha dos rios* (2015), de Ilko Minev e em “Eretz Amazônia” (2018), de Márcio Souza. A presença dessas mulheres na história de um povo singular nos faz questionar sobre quem foram essas judias chamadas polacas. Qual é sua iconografia? Este ensaio procura discutir esses assuntos tendo como aporte teórico estudos de Regina Igel (1997), Stuart Hall (2003), Fábio Magalhães (2003) e Samuel Benchimol (2009), dentre outros.

Palavras-chave: Iconografia; Judia polaca; Literatura judaica; Diáspora.

Introdução

Rifca Blumenfeld, de *A filha dos rios* (2015), Esther Markowitz, de *O ciclo das águas* (1977), Hana, de *Cabelos de fogo* (2010), Sarah Weisser, de *Jovens polacas* (1993), Madame Pommery, do romance homônimo (1919), e Perla Pzeborska, da peça “Eretz Amazônia” (2018): o que essas personagens têm em comum?, são judias prostituídas na diáspora, podemos dizer apressadamente. Elas, todavia, têm uma história particular. A reunião dessas imagens nos romances e na peça teatral referenciados forma uma iconografia singular. Segundo o *Novo dicionário da língua portuguesa* (1913) de Cândido de Figueiredo, iconografia pode ser entendida como um conhecimento e descrição de imagens, estátuas, monumentos antigos. Este ensaio propõe-se a conhecer a iconografia referente às judias polacas que a literatura judaica no Brasil produziu.

1 Mestranda no Programa de Pós-graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: angelica.silva.pinheiro@outlook.com

2 Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Professora da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: afcs77@hotmail.com

A diáspora judaica transcorreu em sucessivos episódios históricos. Em vários momentos, os judeus foram expulsos da terra de Jerusalém e de outros lugares, trazendo consequências destrutivas ao povo judeu em vários segmentos. Para Stuart Hall (2003, p. 28), a diáspora é “o espalhamento ou deslocamento de um povo de sua terra de origem para outro lugar com a promessa de um retorno redentor”. A configuração da dispersão de povos que mantêm um elo “comunitário” por pertencer à terra de origem, é uma característica vivida em comunidades judaicas que, por persistência, buscam conservar e continuar a identidade judaica, o ser judeu, ainda que em “terra estranha”, como diz o texto bíblico (Tehilim [Salmo] 137:4).

Na literatura escrita por judeus imigrantes, a diáspora judaica faz-se presente em diversas obras. Regina Igel (1997), em *Imigrantes judeus-Escritores brasileiros*, lança o olhar sobre o tema judaico nas narrativas escritas no Brasil. Nesse estudo, a professora discorre sobre a diferença entre a diáspora e o exílio dos judeus. No primeiro caso, diáspora refere-se à residência no exterior, em relação ao Estado de Israel. No segundo caso, o exílio diz respeito a um afastamento espiritual de Deus na diáspora (IGEL, 1997, p. 38).

Em geral, Regina Igel (1997, p. 29) afirma que “a imigração judia é, de todas as variantes, aquela cuja razão de ser não é troca de uma identidade por outra mas defesa e manutenção de uma identidade que não se deseja perder, mesmo se para isso for preciso desenraizar-se”. No caso das judias prostituídas, a manutenção da identidade e da cultura judaicas mostrou-se precária. Muitas delas lutaram para preservar ao menos ecos da tradição cultural e religiosa. A trajetória como prostitutas mostrou-se custosa às judias, uma vez que a elas foram impostas novas formas de viver, que se distanciavam da tradição judaica. Ao chegarem em uma nova ambiência, as trocas culturais não foram a principal preocupação dessas judias, como bem se percebe nas obras selecionadas neste ensaio.

Igel elenca alguns romances que alinhavaram histórias a partir da temática das judias prostituídas, tendo como escopo a literatura judaica brasileira. Para isso, no tópico “a marginalidade e o sionismo” (IGEL, 1997, p. 175), cita os romances *Ciclo das águas*, de Moacyr Scliar (1977), *Jovens Polacas* (1993), de Esther Largman, e *A Última polaca* (1985), de Márcio Eskenazi Pernidji. Ela referencia a marginalidade “imposta ou deliberada aos fomentadores dos meretrícios e das mulheres que o praticaram, fossem elas vítimas ou voluntárias conscientes” (IGEL, 1997, p. 194), como ação desaprovada e que envergonhava a comunidade judaica. Nos textos selecionados para estudo neste ensaio, o ficcional dialoga com a realidade, denunciando, testemunhando, a violência que muitas mulheres sofreram na diáspora. De quais obras se fala?

O tema das judias prostituídas, as chamadas polacas, escravas brancas do século XIX, está presente em romances e peças teatrais de escritores judeus, como os aqui coligidos. Em geral, há elementos em comum nessas histórias: elas remontam a um país europeu, em um recorte de tempo estabelecido no final do século XIX ou início do XX; as histórias dão conta da trajetória de jovens pobres,

habitantes de aldeias miseráveis, afligidas pela guerra ou por *pogroms*, que, iludidas pela ideia de um bom casamento, caem nas mãos de mafiosos que as prostituem na América do Sul. As histórias parecem as mesmas, mas, na verdade, cada uma delas é peculiar. Elas mostram a iconografia de mulheres ímpares, em histórias que ecoam a solidão e o desamparo.

O tema das judias prostituídas, que a literatura ecoou, foi também retratado nas artes plásticas por Lasar Segall, artista plástico judeu nascido em um território pertencente à Rússia em 1889, atualmente Lituânia. Após passar pela Alemanha, Segall imigra ao Brasil em 1923. Ele teve suas pinturas perseguidas e confiscadas em 1933 com a ascensão do regime nazista. Segundo Daniel Rincon Caires (2018, p. 18), Segall, o “eterno caminhante”, teve, como outros milhares de judeus, o destino de saída de um território que os violentava e massacrava, dessa vez a Rússia. O Brasil o acolheu, e ele pintou as misérias do país e de muitos outros imigrantes.

As pinturas referentes ao álbum *Mangue* (1943), de Lasar Segall, foram confiscadas do Museu de Breslau, pelos nazistas, no ano de 1937. O álbum possui 44 pinturas que apresentam diferentes técnicas e dimensões e diversas datas de elaboração. A maioria foi feita entre os anos de 1925 e 1923 e referencia a experiência de Segall no Brasil, em especial, no Rio de Janeiro, no Mangue, zona de meretrício da cidade, onde também estavam as polacas. Segundo Fábio Magalhães (2003, p. 17),

[...] no Mangue a população era predominantemente mulata, mas lá viviam também as “polacas”. Eram em sua maioria mulheres judias oriundas do Leste Europeu, vítimas do tráfico internacional de mulheres e convertidas em prostitutas, fato comum nos anos de crise e de guerra. A presença dessa prostituição loira, de olhos azuis, ganhou fama e a expressão “polaca” virou, até hoje, sinônimo de prostituta. [...] Certamente, Segall defrontou-se com as “polacas” em suas visitas ao Mangue, já que as representou em diversos desenhos e gravuras como Dois marinheiros acompanhados e Homens e mulheres no Mangue, ambas as gravuras realizadas em ponta-seca, em 1929. As experiências e as anotações do Mangue voltaram a ser retrabalhadas e serviram mais tarde de base para a realização de pinturas, como a tela Figura com persiana, de 1949, ou Figura com reposteiro, de 1954. Nos anos finais de sua vida, criou uma série de pinturas que chamou As erradias, pois evocam o tema da zona de prostituição do Rio de Janeiro.

Para Jorge de Lima (2003, p. 79), “Lasar Segall se conserva humanista dentro de todas as revelações” e ainda amplifica as significações das iconografias desenhada pelo artista:

Alcança-nos depois com o seu conteúdo de transcendência, de grande humanidade, de interesse pela justiça terrena, com apelos, está visto, a qualquer intervenção mística. Vejo muitas das figuras dizendo-se meus parentes e eu as atendo com ares fraternais (LIMA, 2003, p. 79).

Walter Benjamin, em *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo* (1989), discorre sobre a alegoria moderna da prostituta e seu lugar como mercadoria, concepção que leva a contemplar a imagem da prostituta europeia do século XIX. É interessante destacar a condição da prostituta parisiense, como artigo de luxo, seu corpo erotizado por meio de maquiagem e roupas. Para Benjamin,

[...] na forma que a prostituição assumiu nas cidades grandes, a mulher não aparece apenas como mercadoria, mas, em sentido expressivo, como artigo de massa. Isso se indica através do disfarce artificial da expressão individual a favor da profissional, que acontece por obra da maquiagem. Que este aspecto da puta tenha se tornado sexualmente determinante para Baudelaire, o testemunha, enfim, que suas múltiplas evocações da puta nunca têm o bordel como pano de fundo, mas, ao contrário, a rua (BENJAMIN, 1989, p. 177).

É na rua também que as iconografias das meretrizes são representadas por Lasar Segall, porém não com robustas roupas, maquiagens e joias, como as prostitutas parisienses. As prostitutas do mangue são retratadas com feições cansadas e melancólicas, como se vê na imagem a seguir.

Figura 1: “Figura com Reposteiro”, 1954; óleo sobre tela, 81 x 60 cm



Fonte: Lasar Segall (1891-1957)³.

³ Museu Lasar Segall – IBRAM/MinC, em São Paulo (São Paulo) (vide: MUSEU LASAR SEGALL. [2022]. Disponível em: <http://www.museusegall.org.br/mlsObras.asp>. Acesso em: 23 dez. 2022).

A pintura de Segall intitulada “Figura com Reposteiro” (1954) faz parte da série *Erradias*. Nela, Segall pintou as prostitutas do Mangue, polacas e negras. Para Samara Müller Pelk (2016, *on-line*),

[...] a silenciosa *Figura com Reposteiro* (1954) prende o olhar do espectador e não é pelo decote da camisa aberta e sim pelos olhos amendoados e soturnos da mulher. O interesse não é na erotização da mulher e sim na atmosfera intimista e melancólica, na tristeza e na condição social da personagem dessa tela. Lasar Segall (1891-1957) na série *Erradias* (incluindo *Figura com Reposteiro*) apresenta o cenário do bairro Mangue, na cidade do Rio de Janeiro, local frequentado por proletários e caracterizado pela prostituição de mulheres negras e polacas; contrastando com o bairro da Lapa, posto que o público desse era frequentado pela elite carioca em busca da boêmia e da prostituição de luxo. O bairro do Mangue é cenário comum nas obras do artista que o propõe em suportes como a gravura estendendo-se pela aquarela e pela pintura a óleo.

Mas quem é essa polaca que interessou a Lasar Segall? Para Margarethe Rago,

[...] havia as *cocottes* e as polacas. As primeiras, representavam o luxo e a ostentação. As segundas, substituindo mulatas e portuguesas, representavam a miséria. “Ser francesa” significava não necessariamente ter nascido na França, mas frequentar espaços e clientes ricos. Ser polaca significava ser produto de exportação do tráfico internacional do sexo que abastecia os prostíbulos das capitais importantes e... pobre (RAGO, 2011, p. 63).

Beatriz Kushnir (1996) diz que, no ano de 1867, as polacas começaram a chegar ao Brasil atraídas pelo fenômeno *Belle Époque*. A essas mulheres foi atribuído o rótulo de mercadoria europeia, bastante consumida no período, influenciando a moda, a arquitetura, o comportamento, e, nesse caso, as judias prostituídas e as francesas se tornaram personas exóticas. As polacas foram destinadas aos setores mais pobres, e as francesas foram tomadas como “mercadorias de elite”.

A discrepância entre a prostituta parisiense e a polaca pode ser percebida tanto na literatura quanto nas artes plásticas. Este ensaio visa falar sobre como as “polacas” judias foram retratadas na literatura judaica brasileira, com ênfase na produção ficcional amazônica.

1 Judias prostituídas na ficção urbana: as “francesas”

A literatura do século XIX dá mostras do tema das judias prostituídas. Em um baile de máscaras, inicia-se o romance *Esplendores e misérias das cortesãs* (1973), de Honoré Balzac, inserida na obra *Comédia Humana* (2015). Esther Van Gobseck, aquela que “cintilava a pele judia” (BALZAC, 2015, p. 229), em primeiro momento, aparece sendo chamada de Torpedo, apaixonada por Lucian, moço poeta. No baile, passa

uma infeliz situação: é reconhecida por seus antigos clientes, já que vivia outrora na prostituição. Seus antigos fregueses lamentam-se, ironicamente, pois, a paixão da bela Esther pelo poeta é considerada prejudicial aos homens que se deleitam com os seus serviços amorosos, desestruturando a sociedade e o capitalismo. Filha da judia cortesã Sarah Van Gobesck, que fora assassinada por um capitão após levar o amante à falência, Esther tem como tio o agiota Jean-Esther Van Gobesck, responsável por inseri-la na vida de prostituição aos dezesseis anos. O romance desenha personagens judeus com estereótipos bem definidos. Apesar disso, Esther não parece estar sozinha nas variações étnicas de mulheres servis aos homens franceses.

Ao ser reconhecida por seus antigos clientes, Esther, temendo que Lucian descubra a verdade, vai a sua casa e tenta suicidar-se pela primeira vez. É ajudada por um falso abade, Carlos Herrera. Passa, então, a morar em um quarto humilde, trabalhando como costureira. A vida de Esther como cortesã, suas tentativas de desligamento da prostituição e seu reconhecimento pela sociedade como prostituta a fazem uma judia infeliz. O retorno à prostituição enfraqueceu sua alma, cheia de angústias, e a fez perecer:

Da porta do quarto, viu Ester inteiriçada sobre o leito, roxa do veneno, morta!... Correu para o leito e caiu de joelhos.

– Tens razão, ela me havia dito. Ela morreu por minha causa (BALZAC, 2015, p. 319).

Algumas obras que se servem do tema da judia prostituída na literatura nacional se passam em centros urbanos. Muito embora as cidades brasileiras não sejam como a capital francesa, a maioria das grandes cidades refletia os costumes parisienses. É por esse viés, por exemplo, que segue o romance *Madame Pommery* (1919), escrito por Hilário Tácito. A narrativa ocorre na cidade de São Paulo e realiza em tons de sátira de costume uma representação da prostituição, na sociedade paulistana moderna do século XX.

As tentativas de se alcançar um modo de viver europeu, a burguesia das grandes cidades brasileiras, inclusive a paulistana, importou costumes e a consumir mercadorias mais sofisticadas e luxuosas, da última moda, tendo como modelo a cultura parisiense. Foi nessa época que a madame com nome de marca de champanhe francês desembarcava em Santos. O narrador dá alguns detalhes de sua origem:

Duas nações, a Espanha cavalheiresca e a Polônia das baladas, disputam-se a glória de lhe ter sido berço. Pois parece averiguado que foi seu pai um polaco israelita de nome Ivan Pommerikowsky, de profissão lambe-feras num circo de giganos. Sua mãe era espanhola... (TÁCITO, 1919, p. 31).

Em *O Ciclo das águas* (1997), de Moacyr Scliar, o tema da polaca retorna. Na cidade de Porto Alegre, se passa a narrativa de Esther Markowitz. Nesse romance,

ecoam rastros de uma história que nos faz lembrar o destino de Pommery ou Ida Pommerikowsky. A personagem Esther do romance de Scliar abre uma casa de prostituição, “A casa da sereia”, mas, ao contrário de Ida, que não pretendia viver o judaísmo, a “Rainha da América, Rainha Esther” (SCLIAR, 1997, p. 16) vive entre a prostituição e o judaísmo, com crises de identidade. Esther assume-se em condição paradoxal pondo em xeque seu judaísmo, quando se vê enredada na prostituição. O próprio título que recebe (“Rainha da América, Rainha Esther”) faz lembrar da história de outra judia na diáspora babilônica, conforme a narrativa bíblica presente no livro de Ester, mas, ao mesmo tempo, mostra a corrupção da Esther de *O ciclo das águas*: rainha como a Ester bíblica, mas uma rainha da prostituição.

A judia de *O ciclo das águas* é influenciada pela *Belle Époque*. Passa-se por francesa, escondendo a origem polonesa: “Sou francesa, dizia aos clientes curiosos. Esther Marc era agora seu nome, não mais Esther Markowitz” (SCLIAR, 1997, p. 92). Rastros do afastamento da comunidade judaica também são visíveis na narrativa. Certa vez, ao sair do cinema, encontra-se com outros judeus que “recusam-na”, porque a reconhecem como prostituta. O narrador diz: “Quando se aproxima, faz-se silêncio; à sua passagem, afastam-se. Ela vê uma senhora cuspir no chão” (SCLIAR, 1997, p. 43).

Esther veio ao Brasil após casar-se com Mên dele, que a enganou com promessas de uma vida de rainha na América. Ele era, de fato, um cafetão. Após desvencilhar-se dos cafetões, funda uma casa de prostituição. O destino lhe dá Marcos, um filho natural a quem tenta ensinar os costumes e a fé judaicos, apesar do seu próprio afastamento da comunidade judaica. Marcos, criado pela Morena, é auxiliado, em sua trajetória pelo judaísmo, por judeus da sinagoga, pelo *mohel*, responsável pela circuncisão do menino, e pela *miniam*, que lhe ensinou o hebraico e o preparou para o *bar mitzvá*. Segundo o narrador, “a mãe queria que ele fizesse o bar-mitzvá; que lesse na sinagoga o seu trecho do Torá; que ingressasse, enfim, na comunidade dos homens judeus” (SCLIAR, 1997, p. 81). No desfecho do romance, Esther, após uma vida na prostituição, acaba por viver a velhice em um asilo, demonstrando rastros do paradoxo da vida de judia prostituída estrangeira: “É verdade: passa o dia sentada num velho sofá, trauteando canções de ídiche. Não reconhece ninguém”, relata a enfermeira do asilo (SCLIAR, 1997, p. 155).

A história de *Jovens polacas* (1993), de Esther Largman, reproduz situações de vida de prostitutas judias no bairro do baixo meretrício. A narrativa retrata com bases realísticas a prostituição das polacas no Rio de Janeiro, combinando o enredo das personagens principais com dados históricos apurados sobre as polacas e suas comunidades de ajuda mútua. Dentre os personagens secundários, um jovem estudante de jornalismo, Ricardo, que acaba procurando por imigrantes idosos que vivem em um asilo judaico, tinha o intuito de colher informações referentes a judias prostituídas. Ricardo, no entanto, é incentivado a desistir de sua busca: “– Olhe rapaz, você está mexendo em coisas sujas, deixe esse lodo” (LARGMAN, 1993, p. 138), e ainda “– [...] você está remexendo na lama, no lodo, que não é bom para nós essa

sujeira toda. No fundo é medo de que se aproveitem para agitar o anti-semitismo” (LARGMAN, 1993, p. 243), respondem os entrevistados, imigrantes idosos.

Sarah Weisser é a protagonista do romance. Advinda de uma família religiosa, ao contrário de Esther do romance de Moacyr Scliar e Ida Pommery do romance de Tácito, Sarah tentava fugir da prostituição, objetivando denunciar os cafetões e a organização criminosa. Ao ter uma filha, Anita, Sarah a mantém escondida para que a menina tenha um destino diferente do seu. O destino das prostitutas é muitas vezes cruel, violento. No romance de Largman, a personagem Sarah foi morta a facada, sua amiga Fanny, estrangulada. O romance denuncia como viveram e morreram as prostitutas judias, conhecidas como polacas:

Hoje me questiono se o nosso pessoal não agiu com muita rigidez em relação às prostitutas judias. Não tenho dúvidas no que tange aos homens, aos aliciadores. Mesmo as cafetinas, as “mimes” poderiam igualmente ser marginalizadas, mas as “proletárias” – [...] eram as maiores vítimas dos cafetens e da própria comunidade que – tal sociedade como um todo – condenava qualquer, jovem que incorresse na perda da virgindade; eram expulsas de casa, desprezadas e marginalizadas não encontravam marido, e eram as que, como mão-de-obra frágil, forneciam o lucro: uma ferramenta humana que proporcionava a mais-valia aos crápulas, parasitas de qualquer nação (LARGMAN, 1993, p. 184).

Outro romance que fala sobre a mulher chamada de polaca é *A polaquinha* (1985), de Dalton Trevisan. A personagem principal desse romance não é uma judia. Atribui-se a ela, em sentido conotativo, a concepção de uma mulher hipersexualizada, com traços físicos característicos de uma estrangeira, loura, branca; por isso, é chamada de “polaca” ou ainda “polaquinha”. Para Anna Wolny (2012, p. 339),

[...] a existência de dois possíveis significados do próprio termo “polaca”. O primeiro sentido, e é esse de que se vai tratar principalmente neste trabalho, é a “polaca” não necessariamente proveniente do território da Polónia, mas sim, uma imigrante europeia que se encontra no Brasil na condição de uma mulher da vida, seja por escolha própria (o que é um caso menos frequente e ainda menos apresentado na literatura), seja por ser vítima de engano e de abuso. A outra “polaca”, muito frequentemente chamada de “polaquinha”, é um tipo de imagem feminina presente no Sul do Brasil, onde continua viva a memória da imigração polonesa.

A polaquinha do romance de Trevisan não é uma prostituta oitocentista ou mesmo uma prostituta. A trama nada relata sobre a troca de serviços sexuais por dinheiro, ao contrário, mantém claro os objetivos de referir-se a uma mulher de cariz sexual, que desfruta de experiências eróticas. Nesse romance, a polaquinha é uma mulher branca que encontra grande prazer no sexo.

2 Judias prostituídas na ficção amazônica

Assim como nas histórias de Tácito, Scliar e Largman, na literatura produzida por escritores judeus na Amazônia, o tema das judias polacas é recorrente e aparece nos romances *Cabelos de fogo* (2010) de Marcos Serruya, *A filha dos rios* (2015), de Ilko Minev, e na peça teatral “Eretz Amazônia” (2018), contida no livro *Teatro Seletto* (2018) de Márcio Souza.

É para a Amazônia e sob as circunstâncias do ludíbrio e da exploração sexual que Rifca Blumenfeld é trazida. Ela é uma das personagens judias de *A filha dos rios* (2015), escrita por Ilko Minev. Rifca, no entanto, não vem sozinha ao Brasil. Sua irmã Esther Blumenfeld tem o mesmo destino. Elas são duas moças ingênuas que caem nas mãos da *Zwi Migdal*, organização criminosa que comandava o tráfico de escravas brancas na América do Sul. São as personagens Sandra Reis e Licco Hazan que desvelam a história das duas irmãs Blumenfeld ao leitor. Sandra explana as infelizes vivências dessas meninas, e, por consequência, a ascendência judaica de Sandra Reis é revelada.

Sandra conta a história de sua mãe Esther Blumenfeld: “Minha mãe foi uma dessas mulheres infelizes: uma ‘polaca’ como eram chamadas. Uma polaca polonesa!” (MINEV, 2015, p. 143), diz Sandra a Licco Hazan. O trecho da conversa entre os dois amigos torna-se interessante, pois Licco, demonstra já saber sobre o assunto: “Ouvi falar da presença delas na Amazônia. Se não me engano, chegaram a fazer doações à sinagoga de Manaus naquela época, mesmo não podendo entrar nela. Licco retrucou” (MINEV, 2015, p. 144). Mas, até essa altura, ela ainda não havia revelado a ascendência judaica. O tom de segredo e de revelação acompanha as várias partes desse diálogo. Em dado momento, Sandra diz:

– A história da minha mãe está longe de terminar. Ela ainda descreve com minúcias a chegada de quase 20 garotas judias em Manaus em 1906. Lista os nomes originais de todas elas e os novos nomes adotados no Brasil. Depois, conta dos primeiros tempos e da adaptação na quente e úmida Amazônia. [...]. (MINEV, 2015, p. 145).

Sandra resolve escrever a história de suas mães. O manuscrito ela entrega para Licco. Nele, um capítulo da história das polacas na Amazônia é contado, mostrando o caminho percorrido pelas mulheres errantes, forçadas a se distanciar de seus valores e tradição. A passagem sobre as judias prostituídas no romance de Minev referencia a Associação de Ajuda Mútua criada por essas judias em Buenos Aires e no Rio de Janeiro, fazendo menção ainda a personagens como D. Lola.

Samuel Benchimol (2009, p. 310), em *Amazônia: Formação social e cultural*, referencia levas de imigrantes judeus que vieram ao Brasil, os asquenazitas, estabelecendo-se em cidades do Pará, do Amazonas e na cidade de Iquitos, no Peru. Falavam o idioma ídiche, dialeto oriundo do hebraico e do alemão. Além do comércio gerado pelo *boom* da borracha, alguns asquenazitas dedicaram-se a administrar casas de prostituição, cabarés e cassinos, lugares onde judias e outras

mulheres de grupos étnicos diversos foram vítimas de uma organização criminosa, denominada *Zwi Midgal*, como referenciado. Eram as chamadas polacas, “famosas e malfaladas” (BENCHIMOL, 2009, p. 310), enganadas por rapazes que iam às aldeias pobres à procura de moças ingênuas, destinando-as à prostituição.

Dona Lola, segundo Benchimol, era dona de uma pensão muito conhecida no auge do ciclo da borracha na Amazônia. Ela vivia distante dos costumes e das tradições judaicas, mas, apesar disso, foi ao encontro do judaísmo no fim de sua vida, deixando todos os bens para a comunidade, pedindo ritos religiosos como a “Hebrá e sepultura judaica, tal como seus pais e avós. Já que não pôde ser judia durante a vida, queria sê-lo pelo menos depois de morta” (BENCHIMOL, 2009, p. 312). Em *A filha dos rios*, D. Lola é citada de forma análoga:

[...] Ouvi falar muito de outra polaca, Lola, dona de uma pensão muito famosa em Manaus no auge da borracha, que criava as crianças de suas discípulas numa creche longe do prostíbulo. [...] Contam que na hora da morte, Lola procurou reencontrar o judaísmo e deixou todos os bens para a comunidade. Em troca, pediu enterro com direito a Chevra Kadisha e sepultura judaica (MINEV, 2015, p. 146).

Samuel Benchimol menciona ainda a história de D. Helena. Conseguindo superar o passado considerado impuro, teve boa ventura casando-se com um jovem não judeu, *goín*, a quem ajudara pagando a Faculdade de Medicina no Pará. Após sair da vida de prostituição, ela “tornou-se, então, esposa virtuosa (*Eshet chail*) e grande dama da sociedade amazonense, fazia filantropia para todas as instituições manauenses indistintamente” (BENCHIMOL, 2008, p. 76-77). Benchimol assim testemunha sobre ela:

Recordo-me de que, embora não praticasse o judaísmo, ela comparecia ao escritório do meu pai, que presidia o Comitê Israelita do Amazonas, para entregar os seus donativos às vésperas de todas as páscoas judaicas, para ajudar a manter os serviços comunitários. Ela esperava, assim, obter a misericórdia de Deus por meio de boas ações, já que a fé há muito havia fenecido (BENCHIMOL, 2008, p. 76-77).

No romance de Minev, ecos da história de D. Helena podem ser percebidos. Sandra mostra-se guardiã do segredo de sua mãe ou de suas mães. Ela diz ser filha adotiva de Tamara Reis, nome que Rifca adotou na Amazônia. Sandra era, de fato, filha da irmã de Tamara. Sara Rosales, ou Esther Blumenfeld, mãe de Sandra, também foi prostituída. Mas é Tamara Reis, ou Rifca, que, após um período vivendo na prostituição, casa-se com um jovem pobre. Ela pagará os estudos do rapaz que se forma na Faculdade de Medicina do Pará. Apesar da dificuldade em contar toda a história, Sandra decide narrá-la para honrar a vontade da mãe.

O filho ou a filha para adoção é um tema que se repete em *Jovens Polacas* e em *O Ciclo das águas*. Em *Cabelos de Fogo*, do escritor judeu paraense Marcos Serruya,

ocorreu o mesmo: filhos e filhas de judias prostituídas foram dadas à adoção. Segundo Alessandra Conde,

Minev registrou em *A filha dos rios* a história dessas polacas da Amazônia, reconstruindo, na narrativa das irmãs Blumenfeld e repetindo os destinos das personagens de Largman, Scliar e Serruya, a vida degradante na prostituição e o afastamento das comunidades judaicas. Essas mulheres são transgressoras do patriarcado e da religião, são *tmeyin* (impuras). No entanto, a transgressão é, nesses romances, parcial, passiva. Todas as personagens procuram afastar os filhos ou filhas do ambiente da prostituição, tema tabu também no judaísmo. Com boas ações, ou na hora da morte, na ficção, elas procuram retornar ao Eterno, ao lugar de repouso e de proteção, de onde foram sequestradas e lançadas à escuridão, para longe do Pai (CONDE-SILVA, 2021, p. 34).

Cabelos de fogo (2010) é um romance que fala da demanda do personagem Ionatahan para se fazer reconhecer judeu. No percurso, ele conta e documenta a história de sua bisavó Hana, ou Ana Júlia, judia polaca prostituída na Amazônia. Como as judias prostituídas de Ilko Minev, Hana teve seu nome alterado nas terras brasileiras, passando a chamar-se Ana Júlia. Sem conhecer a verdade, Hana, ainda na Polônia, se apaixona pelo falso marido, que, após retirá-la de sua aldeia, a leva à prostituição. Sua jornada retrata, mais uma vez, a vida de moças roubadas de sua cultura e de sua inocência, conduzidas à prostituição na América do Sul. Segundo o narrador,

Hana mal conseguia reconhecer a si mesma ao olhar-se no espelho. Não parecia mais a aldeã ignorante que saiu da casa dos pais cerca de três meses antes. Vestidas como as mundanas, exageradamente pintada e com os cabelos vermelhos caprichosamente preparados, ela passaria por uma estranha até para os parentes mais próximos. Ela se transformara numa “dama da noite”. Numa tamê, como diriam os seus: uma impura, uma transgressora uma daquelas de que todos de sua aldeia desviam o olhar quando encontram no caminho (SERRUYA, 2010. p. 56).

ΔNo Brasil, Hana, após um tempo no Rio de Janeiro, foi mandada à Amazônia, para Belém, e mais tarde enviada a uma pequena cidade do Estado do Macapá. Assumindo a identidade de Ana Júlia, foi destinada a viver em bordel que havia encomendado uma “francesa”, mercadoria em alta naquele século. Kalmen, um dos cafetões, explica como se dará o comércio:

- Mas ela não é francesa, Kalmen! – contrapôs Joseph.
- Aqueles caboclos não sabem distinguir uma francesa de uma polonesa, Joseph. Ela tem um belo corpo e com rostinho e seus cabelos ruivos, tenho certeza de que vão gostar. Mas, se eles reclamarem que ela não é francesa, você pode reduzir o preço em vinte por cento, certo? (SERRUYA, 2010, p. 79).

Ao chegar em terras estrangeiras, sem estudos, sem profissão, essas mulheres eram vendidas a casas de prostituição pelos cafetões da organização criminosa. Benchimol (2008, p. 76) discorre ainda sobre a discriminação que as polacas sofriam pelas comunidades judaicas, sendo marginalizadas, por isso chegaram a ter associações de ajuda mútua e cemitérios próprios, a fim de serem enterradas como judias.

A história da judia prostituída parece repetir-se. Uma moça de origem asquenásita, natural da Polônia, é prostituída na América do Sul. Menina pobre e bastante religiosa, Hana é uma jovem bela e ingênua; espera no casamento a felicidade e bem-aventurança. Vê-se enganada, levada a outro país sem saber a língua e a cultura. Após engravidar, é abandonada pelo amante português, que a deixa no bordel. Encontra amparo em um Intendente Municipal judeu, que a resgata da vida de prostituição. “Quis conhecê-la porque soube que ela era uma ‘polaca’. Que pertencia ao povo judeu tal como ele” (SERRUYA, 2010, p. 84), diz o narrador. De cliente passou a ser amigo de Ana, ajudando-a inúmeras vezes. Dizia ele: “– Você vai deixar a vida de prostituta. Eu vou ajudá-la nesse propósito. Nós vamos conseguir”! (SERRUYA, 2010, p. 98).

Hana acaba engravidando e sem condições de criar sua filha. *Joseana*, em um prostíbulo, vê-se obrigada a doá-la a uma família católica. O único indício das raízes judaicas que ela poderia deixar de herança para a filha foi o *Shadai*:

Antes de beijá-la, ao se despedir, sua mãe tirou do pescoço um cordão com uma joia: Um Shadai. Uma estrela de David, em ouro.

– Era de minha mãe e sempre me protegeu. Um dia você também a dará para uma filha sua. Está certo?

– Sim mãe. Deus lhe pague por tudo o que fez por mim!

– Só fiz o que toda mãe faria. Seja feliz e nunca esqueça o que lhe ensinamos. (SERRUYA, 2010, p. 31).

A narrativa alude ainda ao preconceito sofrido por Hana nas comunidades judaicas. Em Belém, frequenta a sinagoga sefardita, mas não se sente bem acolhida. O passado na prostituição sempre é rememorado por ela e pela comunidade, conforme relata o narrador:

Para reduzir a sensação de isolamento, tentou aproximar-se da Comunidade Judaica da cidade em que morava. Embora os judeus do Pará sejam, na sua grande maioria, descendentes de sefaraditas marroquinos, seguindo costumes muito diferentes dos judeus poloneses, ela não deixava de comparecer aos ofícios religiosos das datas magnas dos hebreus: o Iom Kipur (dia do perdão) e o Rosh Hashaná (ano novo judaico). E também começou a ir às reuniões em alguns sábados. Todavia sempre foi tratada com desconfiança e preconceito pelos frequentadores que a mantinham sempre a distância. Ninguém falava com ela nada além dos tradicionais cumprimentos: *Shabát Shalom* (bom sábado!) ou *Hag samêach* (boa festa!) (SERRUYA, 2010, p. 105).

A judia de *Cabelos de fogo* sofre por se ver afastada do judaísmo, diferentemente do que ocorreu com a judia de *O Ciclo das águas*, por exemplo. Hana, apesar das dificuldades, tentou viver a sua judeidade.

“Eretz Amazônia”, peça teatral de Márcio Souza, publicada em *Teatro Seletto* (2018), foi escrita em comemoração aos 200 anos de imigração judaica na Amazônia. Segundo Alessandra Conde,

[...] encenada em Manaus, a peça é homônima à seminal obra de Samuel Benchimol, *Eretz Amazônia*. Inspirada no trabalho de Benchimol, a peça tem como mote a imigração judaica na região amazônica e conta com pinceladas de humor judaico. Em 2018, foi publicada em *Teatro seletto*, livro que conta ainda com a presença de mais duas peças de Márcio Souza (CONDE-SILVA, 2021, p. 5).

Contendo sete cenas, “Eretz Amazônia”, que cronologicamente apresenta a história da imigração judaica na Amazônia, exhibe cenas históricas “do Marrocos no século 19, à mata amazônica, passando por Parintins e Manaus, embrenhando-se no seringal e navegando o rio Purus.” (CONDE-SILVA, 2021, p. 5). A polaca Perla Pzeborska aparece na Cena III. A personagem está na central de polícia e tece um diálogo com o delegado que toma o seu depoimento. A judia prostituída, diz o nome de seus pais, Esther Pzeborska e Shlomo Pzeborska, de nacionalidade polonesa. Ela responde às perguntas do delegado e o surpreende quando diz a sua religião:

PERLA: – Judia.

DELEGADO: – Judia?

PAUSA.

PERLA: – Deixa pra lá. (SOUZA, 2018, p. 119).

O delegado parece tentar argumentar procurando entender os motivos de ela viver na prostituição: “Perla, tu ainda é nova. Porque não larga essa vida?” (SOUZA, 2018, p. 120) e continua: “Isso não é vida. Você é loura, não é nem uma dessas bugrinhas que se vendem por dez tostões” (SOUZA, 2018, p. 120). Ao contrapor a característica da polaca Perla com outra mulher, a cena denuncia outras vítimas, já que “bugrinha” é um nome de cunho depreciativo e preconceituoso, proferido aos indígenas pelos europeus, considerando-os selvagens e pagãos. Com clareza, percebe-se a intenção de expor mulheres indígenas que também eram mercantilizadas. Perla contra-argumenta dizendo:

PERLA: – Quer casar comigo? Me tirar da zona?

DELEGADO: – Já sou casado.

PERLA: – Outro dia Coronel quis me sustentar

DELEGADO: – E não topaste?

PERLA: Eu não mando em mim, seu polícia. (SOUZA, 2018, p. 120).

Esse ponto do diálogo torna-se interessante, pois a polaca Perla demonstra dificuldade em sair da vida de prostituição. Ao delegado diz: “Eu não mando em mim”. Ela faz referência aos cafetões e a todas as ameaças que eles lhes faziam. Há ainda mais um trecho da conversa em que se revelam os obstáculos encontrados por Perla para se ver livre da organização:

PERLA: – É simples, sou estrangeira aqui, não sei ler nem escrever...

DELEGADO: E os judeus da cidade, porque não te ajudam a sair dessa vida? Muitos são comerciantes ricos.

PERLA: Para eles eu não existo.

DELEGADO: Por seres prostituta?

PERLA: É, aqui tem muitas como eu. Viemos quase todas do mesmo país (SOUZA, 2018, p. 120).

Continuando a indagá-la, o delegado tenta arrancar informações sobre a organização criminosa *Zwi Midgal*, procurando, talvez, encorajar a judia a denunciá-los por seus crimes, mas Perla responde sempre com “Não senhor”; “Não sei de nada” (SOUZA, 2018, p. 122), demonstrando medo. Ao saber da origem da judia, insiste que ela conte mais sobre a sua vinda para aquela região e especula:

DELEGADO: [...] mas quero saber como você acabou aqui?

PERLA: Faz dez anos. Apareceu no shtetl um rapaz, bem vestido, com dinheiro no bolso. Procurou um rabino, disse que era judeu, que havia prosperado na América e que queria casar com uma boa moça judia (SOUZA, 2018, p. 122).

A história novamente se repete. Perla relata que foi enganada por um jovem judeu, como se viu nas outras narrativas. Os mafiosos iam às aldeias mais pobres em busca de casamentos com moças judias para inseri-las na vida de prostituição. No final do diálogo, Perla mostra rastros de errância dos seus valores judaicos, mencionando as escrituras judaicas, explicando ao delegado o motivo de estar distanciada de seus irmãos judeus:

PERLA: Está escrito, delegado, quando uma filha de Israel sai do bom caminho, o chão em volta dela pega fogo. Por isso eles não podem se aproximar da gente (SOUZA, 2018, p. 123).

As cenas de “Eretz Amazônia” deixam rastros da presença dessas judias prostituídas, as conhecidas polacas, na Amazônia: “Eu tive que contar essa história, porque aqui em Manaus teve”, disse Márcio Souza, em uma palestra⁴. Nos autos do inquérito policial, aludido na peça de Márcio Souza, rastros da história das polacas na Amazônia também podem ser lidos. Nesse caso, a judia explorada e amedrontada é a tônica do diálogo da judia com o delegado.

Algumas considerações

Como as judias polacas foram retratadas na literatura judaica na Amazônia? Este ensaio descortinou algumas dessas imagens. Como os romances de Serruya e Minev e a peça de Souza delineiam as suas personagens? Que rosto elas têm? Como ocorreu com as outras congêneres da literatura brasileira, conforme vimos nos romances de Tácito, Scliar e Largman, a judia polaca prostituída na Amazônia é uma personagem da diáspora. Lasar Segall a pintou erradia, como o próprio paratexto de sua pintura. Triste, melancólica, soturna. Isso se percebe em Hana de *Cabelos de fogo*. A mesma imagem poderia ser a de Rifca e de Esther Blumenfeld de *A filha dos rios*. A primeira escapou da prostituição em razão de um casamento. Um conto de fadas único em um conjunto de histórias trágicas. A vida ficcional de Rifca pode muito bem ter imitado a realidade de Dona Helena, referenciada por Samuel Benchimol. A segunda irmã Blumenfeld encontrou descanso na morte. A ação masculinista que a conduziu à prostituição destruiu a sua vida, seus sonhos de menina de viver com um príncipe em terra estranha, rica e abundante.

A Perla Pzeborska de “Eretz Amazônia” é a imagem da resignação e do medo. É a mulher expropriada pela ganância e pelo poder masculino. Esses traços são vistos também em Esther Markowitz, de *O ciclo das águas* (1977), em Sarah Weisser, de *Jovens polacas* (1993), e em Madame Pommery do romance homônimo. Quer como polacas ou como francesas, as personagens dos romances e da peça teatral que este ensaio abordou são de fato judias. Judias sem pátria, sem família, sem comunidade.

Em resumo, a iconografia dessas mulheres, o conjunto de imagens que a literatura e mesmo a arte de Segall produziram, é a de mulheres abandonadas em sua tristeza e exploradas sexualmente, mulheres roubadas da sua cultura. Em terra estranha, essas mulheres perderam o canto, o que nos faz lembrar o texto bíblico: “Como, porém, haveríamos de *cantar* as canções do Eterno numa *terra estranha*?” (Tehilim [Salmo] 137:4). Algumas só puderam ruminar seus ais em objetos, em diários ou em inquéritos policiais. Seus corpos, ainda que usados sexualmente, não foram objeto sexual na literatura. Seus corpos prostituídos são a imagem da dor, da tristeza, da sujeira a que foram lançadas.

4 Palestra “Um encontro com Márcio Souza” realizada pelo Programa de Pós-graduação Linguagens e Saberes da Amazônia, em 22 de março de 2022 (PODCAST com o grande escritor e roteirista judeu amazonense Márcio Souza. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (113 min). Publicado pelo canal Amazônia Judaica TV. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1dhHEtNSwHU>. Acesso em: 23 dez. 2022).

ICONOGRAPHY OF POLISH JEWISH IN THE AMAZON

Abstract: This work carries out a study about the profile of Polish Jews in some selected texts of the Amazonian Literature. In Brazilian literature written by Jewish writers, this theme is recurrent, as well as in the painting of Lasar Segall. Which in the epithet “polish” exceeds the homeland comprehension, inserting in it a sexual meaning. It can be seen in *O ciclo das águas* (1997) by Moacyr Scliar, *Jovens Polacas* (1993) by Esther Largman, *Cabelos de fogo* (2010) by Marcos Serruya, *A filha dos rios* (2015) by Ilko Minev, and *Eretz Amazônia* (2018) by Márcio Souza. The presence of these women in the history of a singular people makes us question who the Jewish women called Polish were. What is their iconography? This essay seeks to discuss these issues, having as methodological background some studies, such as those of Regina Igel (1997), Stuart Hall (2003), Fábio Magalhães (2003), and Samuel Benchimol (2009).

Keywords: Iconography; Polish Jew; Jewish Literature; Diaspora.

Referências

BALZAC, H. Esplendores e misérias das cortesãs. In: BALZAC, H. *A comédia humana* 9. Introdução e notas de Paulo Rónai. Tradução: Casimiro Fernandes. São Paulo: Editora Globo, 2015.

BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: formação social e cultural*. 3. ed. Manaus: Valer, 2009.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CAIRES, Daniel. Lasar Segall e a perseguição ao modernismo na Alemanha e Brasil. In: *A “arte degenerada” de Lasar Segall. Perseguição e arte moderna em tempos de guerra*. Museu Lasar Segall: São Paulo, 2018.

CONDE-SILVA, Alessandra F. As mulheres judias nos romances de Ilko Mikev. In: CONDE-SILVA, Alessandra F.; BENCHIMOL-BARROS, Silvia (org.). *Ecos sefarditas judeus na Amazônia*. Rio de Janeiro: Talu Cultural, 2020.

CONDE-SILVA, Alessandra F. Dois escritores descendentes de judeus sefarditas na Amazônia: Márcio Souza e Rogel Samuel. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*, Belo Horizonte, v. 15, n. 28, maio 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/36533>. Acesso em: 2 jul. 2022.

CONDE-SILVA, Alessandra F. Escritores sefarditas na Amazônia e as mulheres judias. In: ALÓS, Anselmo Peres; FERREIRA, Cinara Antunes; SILVA-REIS, Dennys (org.). *Poéticas e políticas do feminino na literatura*. Porto Alegre: Class, 2021. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/ppgletras/wp-content/uploads/2021/10/ABRALIC-Eixo-3-Volume-1-Poeticas-e-politicas-do-feminino-na-literatura.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2022.

- FIGUEIREDO, Cândido de. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1913.
- HALL, Stuart; SOVIK, Liv (org.). *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Tradução: Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- IGEL, Regina. *Imigrantes judeus, escritores brasileiros: o componente judaico na literatura brasileira*. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- KUSHNIR, Beatriz. *Baile de máscaras*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- LARGMAN, E. *Jovens polacas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1993.
- MINEV, Ilko. *A filha dos rios*. São Paulo: Livros de Safra, 2015.
- MUSEU LASAR SEGALL, IBRAM-MINC. *Poéticas do mangue*. São Paulo: Imprensa Oficial; Governo do Estado de São Paulo, 2013.
- PELK, Samara Müller. *Figura com Reposteiro*, de Lasar Segall. 2016. Disponível em: <https://www.hacer.com.br/reposteirolasar>. Acesso em: 1º ago. 2022.
- RAGO, M. Nos bastidores da imigração: o tráfico das escravas brancas. *Revista Brasileira de História*, v. 9, n. 18, p. 145-180, 1989.
- SCLIAR, M. *O ciclo das águas*. São Paulo: Círculo do Livro, 1977.
- SERRUYA, M. *Cabelos de fogo*. Belém: do autor, 2010.
- SOUZA, Márcio. *O teatro seleta*. Manaus: Reggo/Academia Amazonense, 2018. v. 13. (Coleção Pensamento Amazônico).
- TÁCITO, H. *Madame Pommery*. São Paulo: Academia Paulista de Letras, 1977.
- TREVISAN, Dalton. *A polaquinha*. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 1986.
- WOLNY, Anna. A polaca – a mulata ao avesso? *Românica Cracoviensia*, v. 12, 2012. Disponível em: <http://cejsh.icm.edu.pl/cejsh/element/bwmeta1.element.ojs-issn-2084-3917-year-2012-volume-12-issue-4-article-822>. Acesso em: 2 ago. 2022.

Recebido em 14 de outubro de 2022

Aceito em 22 de novembro de 2022